

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DE  
VALORES E LIMITES: UM DESAFIO À GESTÃO**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MARIA ESTER CANOVA**

**Constantina, RS, Brasil  
2010**

# **EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DE VALORES E LIMITES: UM DESAFIO À GESTÃO**

**por**

**MARIA ESTER CANOVA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**Orientadora: Ms. Franciele Roos da Silva Ilha**

**Constantina, RS, Brasil**

**2010**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DE  
VALORES E LIMITES: UM DESAFIO À GESTÃO**

elaborada por

MARIA ESTER CANOVA

como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Franciele Roos da Silva Ilha, Ms. UFSM  
(Presidente/ Orientadora)**

---

**Clovis Renan Jacques Guterres, Dr. UFSM**

---

**Oséias Santos de Oliveira, Me.UFSM.**

Constantina, 18 de setembro de 2010.

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

### **EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DE VALORES E LIMITES: UM DESAFIO À GESTÃO**

AUTORA: MARIA ESTER CANOVA  
ORIENTADORA: FRANCIELE ROOS DA SILVA IIHA, **Me. (UFSM)**  
Data e Local da Defesa: Constantina /RS, 18 de setembro de 2010.

Este estudo tem por objetivo compreender a educação familiar e escolar na construção de valores e limites, identificando desafios para a gestão. A questão da falta de limites, da crise de valores éticos e morais e a ausência de paradigmas educacionais se reflete no contexto entre a articulação de uma sociedade globalizada num modelo mercantil liberal e um sistema educacional que coloca a escola no centro de um dilema: cuidar da indisciplina ou cuidar do ensino? Cabe aos pais ou responsáveis ensinar valores e estabelecer regras de comportamento para os filhos, que devem ser definidas desde muito cedo. Infelizmente, a educação da criança e do jovem está sendo realizada muito mais pela escola, uma vez que a família está repassando esta responsabilidade aos professores. Eis aí um grande desafio para os gestores escolares que precisam proporcionar um ensino de qualidade ao mesmo tempo em que devem formar um cidadão capaz de viver construtivamente em sociedade.

**Palavras-chave:** educação familiar; indisciplina; limites; valores.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

**AUTHORA: MARIA ESTER CANOVA**

**ADVISERA: FRANCIELE ROOS DA SILVA IIHA, Me. (UFSM)**

Date and Local of Defence Constantina / RS, 18 September 2010.

This study aims to understand the family and school education in building values and boundaries, identifying challenges for management. The issue of lack of boundaries, the crisis of ethical and moral values and lack of educational paradigms is reflected in the context of the articulation of a global society in a liberal market model and an educational system that places the school in the heart of a dilemma: to care for indiscipline or take care of education? Parents teach values and establish rules of behavior for their children that should be repeated and charged early on. Unfortunately, the education of children and youth is being held more to the school, since parents are passing this responsibility to teachers. Here is a big challenge for school administrators who need to provide a quality education while they should form a citizen able to live constructively in society.

**Keywords:** family education, discipline, boundaries, values.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>1.1 Objetivos .....</b>	<b>09</b>
<b>1.1.1 Objetivo geral .....</b>	<b>09</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>09</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A educação familiar .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 A educação escolar.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 A gestão escolar.....</b>	<b>15</b>
<b>2.4 O conceito de infância e suas modificações ao longo do tempo .....</b>	<b>16</b>
<b>3.5 O papel da família na formação e educação da criança .....</b>	<b>17</b>
<b>3.6 Valores e limites: desafios para os gestores.....</b>	<b>24</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este tema de pesquisa surgiu a partir da situação conflitante em relação à educação das crianças na família e seu comportamento na escola, na qual a indisciplina e a agressividade muitas vezes interferem no desenvolvimento do processo educativo e da própria aprendizagem. Ouve-se falar repetidamente que estamos vivendo uma crise de valores. Parece que entre o certo e o errado não existe mais fronteiras, e a impunidade parece ser a lei maior, e a lei do levar vantagem sempre, muito difundida. Os valores sociais e morais parecem terem sido esquecidos ou até mesmo substituídos por outros de maior facilidade para serem observados.

A influência de novos estudos da psicologia infantil gerou controvérsias e equívocos quanto à educação dos filhos e dos alunos tornando-se se muitas vezes um sinônimo de permissividade total, dizer não aos filhos, puni-los por atos não convencionais tornou-se coisa do passado. Saber a hora de dizer “sim” ou “não” com as novas teorias tornou-se um problema muito sério para os pais.

Destaca-se assim, a importância de ser um pai responsável, consciente de sua importância na educação dos filhos, sem perder a autoridade, sem deixar que os filhos cresçam sem limites e sem capacidade de compreender e enxergar o outro – habilidades básicas e essenciais para quem deseja formar cidadãos íntegros e capazes de promover o desenvolvimento, o crescimento e a transformação de uma sociedade.

Aos pais cabe lembrar que, “quando necessário, embora com autoridade e não autoritarismo, a última palavra – deve estar claro para os filhos – será a dos pais” (ZAGURY, 2001, p.159).

Para uma boa convivência social ou familiar, deve haver adequação dos atos e desejos, pois quando estamos com mais pessoas, não podemos fazer tudo que temos vontade. É preciso respeitar o outro. Esse critério de respeito é adequado à educação – quando não aprendem sozinhas, as crianças são educadas por meio da fala ou na convivência com o adulto.

Muitas famílias não se sentem em condições de estabelecer limites aos filhos, ou por não saberem muito bem como fazê-lo, ou mesmo por convicção, na medida em que não querem repetir a educação repressora a que foram submetidas, ou seja, uma

educação em que a autoridade dos pais não era questionada, mas obedecido sem discussão, mais por temor do que por respeito, propriamente.

Mas, para Zagury (2001, p.35)

A criança que não aprende a ter limites para o seu querer, para os seus desejos e vontades, que tudo quer e tudo pode, tende a desenvolver um quadro crescente de dificuldades que vai se instalando passo a passo. Da mesma forma que na infância, na adolescência a imposição de limites também é fundamental para a educação. Porém, aquele adolescente que cresce na liberdade excessiva, sem nunca ouvir um não, oferecerá uma maior resistência para ouvir o “não” nesta etapa da vida, agravando ainda mais esta fase tão conturbada do desenvolvimento humano.

Por outro lado, sabe-se que na escola os alunos podem repetir comportamentos tidos em suas casas, ou seja, uma vivência sem limites, onde tudo pode a qualquer hora. Na escola tentam conviver com os colegas e professores, da mesma forma, e aí a indisciplina e o baixo rendimento escolar aparecem. Comportar-se, ter limites, respeitar os colegas e professores é algo que precisa ser aprendido e vivenciado nas relações de convivência entre indivíduos de certa comunidade. Saber respeitar as necessidades de um grupo não é importante apenas para que o professor possa dar sua aula em paz. É conquistar a cidadania.

Manter a disciplina na escola, um bom nível de aprendizagem aos alunos e, por consequência, uma escola de qualidade, é um dos grandes desafios da gestão escolar, que precisa dirigir, coordenar e assumir com o grupo a responsabilidade de fazer a escola funcionar, mediante um trabalho conjunto e participativo.

A indisciplina escolar representa um transtorno para professores, pedagogos, diretores, bem como para os pais e os próprios alunos, cabe então, uma gestão compartilhada para enfrentar estas questões e mudar a história dos alunos e da escola.

Um comportamento inadequado entendido como um sinal de rebeldia, intransigência, falta de educação e desrespeito pelas autoridades, agitação, capazes de atrapalhar as atividades em sala de aula. Esta noção está atrelada ao entendimento de indisciplina em um determinado momento histórico.

O conceito de indisciplina é compreendido de diversas maneiras no interior da escola. Rego (1996, p.84-85) afirma que:



O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que foram aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Ainda que o conceito de indisciplina não seja estático e uniforme, a autora assevera que as expressões de indisciplina, na maioria das vezes, são consideradas como por determinadas pessoas.

Os alunos são indisciplinados por natureza ou porque as circunstâncias os estimulam a assumirem comportamentos desviantes?

Diante dessa realidade, surgiu o seguinte problema de pesquisa:

Como lidar com os problemas disciplinares nas escolas de educação básica? Quais são as origens desses comportamentos inadequados? O que está por trás de um comportamento indisciplinado?

O pensamento de La Taille (2001, p.90), ao discutir os contornos do ato indisciplinado afirma:

Disciplina remete a regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de conduta. Logo, disciplina corresponde aos chamados de moral: o respeito por certas leis consideradas obrigatórias. Portanto, a pessoa indisciplinada transgredir as leis que deveria seguir (...). A indisciplina pode, às vezes, vir em decorrência de bons motivos éticos. Se as regras não fazem sentido (e há muitas na escola) e se derivam de valores suspeitos (como a subserviência cega à autoridade), a indisciplina pode se justificar eticamente, (...) Há indisciplinas eticamente válidas, desobediências legítimas, graças às quais, aliás, a sociedade acaba por evoluir. Mas pensemos agora nas formas de indisciplina que ferem as leis morais, estas definidas como garantias de respeito a direitos legítimos. Transgressões deste tipo também podem acontecer nas salas de aula, por exemplo, o insulto, a agressão física, o tratar o professor como se fosse um objeto, não ouvi-lo, fingindo que não está presente, que não existe.

Esta pesquisa foi elaborada a partir de uma revisão bibliográfica de documentos e literaturas já existentes sobre o assunto.

A revisão bibliográfica, ou de literatura, é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento a fim de analisar teoricamente um assunto considerado relevante em literaturas especializadas.

Em relação à pesquisa bibliográfica, Cervo e Bervian (2004, p.76) alertam que ela:

[...] procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos (...) busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre determinado assunto, tema ou problema.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

## **1.1. Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Compreender a educação familiar e escolar na construção de valores e limites, identificando desafios para a gestão.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- a) Identificar as mudanças no conceito de infância ao longo do tempo e suas relações com a educação;
- b) Analisar o papel da família na formação e educação da criança, em especial na construção de valores e limites;
- c) Compreender como a gestão escolar vem trabalhando com os valores e limites no contexto educativo.

## 1.2 Justificativa

Como lidar com as crianças e os jovens no mundo de hoje é sempre uma questão conflitante para pais e educadores e, ao aparecer algum tipo de conflito, sempre surge à pergunta: onde foi que eu errei na educação dos meus filhos? Como lidar com filhos e alunos?

Estas questões estão muito presentes, hoje em todos os lares e escolas. Antigamente ninguém discutia o assunto: criança não sabia e, portanto, precisava aprender e os adultos tinham que ensinar. A autoridade era exercida de forma vertical, isto é, o pai no ápice da linha e os filhos na base dela deviam cumprir o que o pai determinava. Com isso, as gerações mais velhas foram massacradas pelo autoritarismo dos pais.

Assim, a educação, seja na família ou na escola, que não estabelece limites e não trabalha com a autoridade com crianças e adolescentes, desnorteia os jovens, não cumpre com sua função formadora, poderá facilitar à marginalização, à falta de responsabilidade social e projeto de vida. Os grandes responsáveis pela educação das crianças e dos jovens, a família e a escola, não estão sabendo cumprir com o seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor na sala de aula, porque a relação entre pais e filhos, professor e aluno é conflituosa e isso dificulta o relacionamento para que seja estabelecido o diálogo entre eles para discutir a situação.

Um dos temas que provoca muita polêmica nas discussões escolares e familiares é a indisciplina e, o conceito de indisciplina é suscetível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma, explícita ou implícita, no âmbito escolar ou social.

A indisciplina pode gerar violência, embora nem sempre esta ocorra. É neste sentido que alguns autores distinguem vários níveis de indisciplina, como perturbação, conflitos e vandalismo.

A perturbação pode afetar o funcionamento das aulas ou mesmo da escola. Os conflitos podem afetar as relações formais e informais entre os alunos, podendo desencadear agressividade e violência física ou verbal.

Os alunos são indisciplinados por natureza ou porque as circunstâncias os estimulam a assumirem comportamentos desviantes? A respeito disso, podem-se

distinguir duas correntes teóricas fundamentais (AQUINO, 1996). Uma afirma que a indisciplina é uma tendência natural de todo ser humano, está inscrita no seu código genético. Outra corrente sustenta que a natureza humana é uma espécie de recipiente vazio, pronto a ser preenchido pelos estímulos que recebe do exterior. Conforme a natureza destes estímulos, assim será a criança e o adulto.

Portanto, esta pesquisa justifica-se considerando a grande crise de valores da sociedade atual com a conseqüente dificuldade em definir o que é certo e o que é errado. A questão dos limites também é um assunto complicado, uma vez que muitas pessoas não sabem por onde começar a estabelecer limites com os próprios filhos e alunos. Mas, sem dúvida, o limite começa na família, com os pais, através de uma estrutura baseada num tripé indissolúvel; respeito, responsabilidade e afeto.

Assim, a sociedade não pode se omitir, os pais, professores e alunos devem ter um único objetivo: criar e educar indivíduos que exerçam sua cidadania com responsabilidade e respeito.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 A educação familiar

A criança tem na família sua primeira referência, percebendo o mundo e construindo sua identidade. Estabelecer limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro. Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida. À medida que a permissividade substituiu a autoridade, os termos das relações familiares mudaram de forma radical.

Com efeito, antes se considerava um bom pai, aquele cujos filhos se comportavam bem, obedeciam as suas ordens, e os tratavam com o devido respeito, e bons filhos, as crianças que amavam seus pais, mas à medida que as fronteiras hierárquicas entre pais e filhos foram se rompendo, hoje, os bons pais são aqueles que conseguem que seus filhos os amem, ainda que poucos os respeitem.

É necessário que a criança interiorize a idéia de que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja – mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que, por vezes, prejudique alguém. Porque, afinal, nem sempre o que se deseja é útil e correto socialmente (ZAGURY, 2002, p.17).

A família é a primeira instituição educacional do ser humano, é nela que as crianças aprendem as primeiras lições de convívio social. Os pais vivenciam a maior parte dos anos da formação e desenvolvimento dos traços de personalidade, atitudes e valores, cabendo a eles uma reflexão sobre liberdade, limites e indisciplina e, a partir dela tomar posições em relação a difícil, mas gratificante arte de educar e formar o cidadão.

Os filhos precisam perceber que durante a infância, os pais estão à frente de suas vidas, como líderes capazes de guiá-los, quando não sabem para onde vão.

O pai que tem autoridade ouve e respeita seu filho, mas pode, por vezes, ter de agir de forma mais dura do que gostaria, às vezes até impositivamente,

mas sempre o objetivo será o bem-estar do filho, protegê-lo de algum perigo ou orientá-lo em direção à cidadania. O que queremos mostrar aqui é que, se agirmos com segurança e firmeza de propósitos, mas com muito afeto e carinho, poderemos atingir nossos objetivos educacionais sem autoritarismo e, muito menos, sem bater uma vez sequer nos nossos filhos. Em outras palavras, dar limites, absolutamente não se choça – nem é o oposto, como muitos pensam – com dar amor, carinho, atenção e segurança (ZAGURY, 2001, p. 32).

O grupo familiar sempre foi, através de todos os tempos, o lugar no qual o ser humano nasce, cresce e se transforma em adulto apto a constituir outra família. Portanto, é na família que a criança recebe as primeiras noções de educação, na maioria delas, imprescindíveis para toda a vida.

Assim, a prática da família na educação dos filhos é de extrema importância para a formação de um cidadão ético, atuante e transformador.

## **2.2 Educação escolar**

Com o ingresso da criança à escola, é necessário que o professor estabeleça um vínculo afetivo com a criança para facilitar a aprendizagem. No entanto, a escola muitas vezes não está conseguindo trabalhar a afetividade, os valores, tendo em vista que a relação professor-aluno nos últimos anos apresenta-se conflituosa, pois a escola tem dividido com a família cada vez mais cedo à tarefa de cuidar e educar a criança.

Compreender a organização da escola pela perspectiva de Freire (1996) implica em valorizar a contribuição cultural de cada sujeito que compõe a escola, possibilitando aos mesmos se tornarem pessoas autônomas, capazes de determinar a si mesmos e de viverem em sociedade, sendo responsáveis por aquilo que fazem. Entretanto, a escola não pode nem se fechar em si mesma, como instituição independente do contexto político-social nem se tornar um meio para outros fins, que não seja a educação e a formação.

Como afirma Lück (2000, p.12):

A educação, no contexto escolar se complexifica e exige esforços redobrados e maior organização do trabalho educacional, assim como participação da comunidade na realização desse empreendimento, a fim de que possa ser efetiva, já que não basta ao estabelecimento de ensino apenas preparar o aluno para níveis mais elevados de escolaridade, uma vez que o que ela precisa é de aprender para compreender para a vida, a si mesmo e a sociedade, como condição para ações competentes na prática da cidadania. E o ambiente escolar como um todo deve oferecer-lhe esta experiência.

Uma educação escolar séria e comprometida com a educação integral da criança, com a formação de seus valores, implica em política e ética, pois, a razão de ser da educação encontra sua fundamentação no ser humano. O sentido fundamental da educação é contribuir para a construção do ser humano que, em relação com o mundo, vai significando e ressignificando a sua existência. Ou seja, o sentido da educação escolar se encontra no fato de homens e mulheres serem inconclusos e históricos, isto é, sabem que podem ser mais e que isto depende da sua elaboração histórico-social.

A postura, tanto ética como política, do educador e da educadora como gestores, depende da concepção de educação, deste conhecimento, de homem de mundo.

É importante admitir que a educação democrática possa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, na qual as pessoas possam viver com autonomia, com responsabilidade e com liberdade ao mesmo tempo em que possam praticar ações de forma ética e respeitosa. Segundo Freire (2003, p.203), "se, por um lado, a prática educativa não é a chave para as necessárias transformações de que a sociedade precisa para aqueles direitos e outros tantos se encarnem, de outro sem ela, essas transformações não se dão". Seria uma ingenuidade atribuir toda a responsabilidade econômica, política, social e cultural para a educação. Também não podemos desmerecer a importância da educação, sobretudo na sua dimensão política e ética, neste processo.

Por outro lado, segundo Lück (2000), as escolas ao serem vistas como organizações vivas, caracterizadas por uma rede de relações entre todos os elementos que nelas atuam ou interferem direta ou indiretamente passam a abranger a dinâmica das interações, em decorrência do que o trabalho, como prática social, passa a ser o enfoque orientador da ação de gestão realizada na organização de ensino.

Para Aquino (1998) se partirmos do pressuposto de que, nas sociedades complexas, a educação escolar é o modo dominante por meio do qual as novas gerações são inseridas na tradição, isto é, o meio pelo qual as introduzimos no instável ( e sempre inusitado) mundo do conhecimento sistematizado, haveremos de convir que alguns fantasmas têm rondado esta instituição secular. E o mais implacável deles talvez seja o que o que envolve a crise de autoridade docente – fato este que,

seria o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar.

A escola contemporânea tem-se apresentado cada vez mais como um espaço de confrontos que em muito ultrapassam aqueles relativos ao intelectual e cultural, é possível supor, então que em seu âmbito padeça de uma certa ineficácia por parte daqueles que a fazem cotidianamente. Trata-se, sem dúvida, de uma crise, ao mesmo tempo, paradigmática e ética.

A crise de autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude perante o âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado. (Arendt, 1992, pp.243-244).

### **2.3 A gestão Escolar**

Para Lück (2000, p.8), “a gestão escolar constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, observa-se a escola e os problemas educacionais globalmente, e se busca abranger, pela visão estratégica e de conjunto, bem como pelas ações interligadas, tal como uma rede, os problemas que, de fato, funcionam de modo interdependente”.

A gestão escolar é uma dimensão, um enfoque de atuação, um meio e não um fim em si mesmo, uma vez que o objetivo final da gestão é a aprendizagem efetiva dos alunos, de modo que, no cotidiano que vivenciam na escola, desenvolvam as competências que a sociedade demanda, dentre as quais se evidenciam: pensar criativamente, analisar informações e proposições diversas, de forma contextualizada; expressar idéias com clareza, tanto oralmente como por escrito; empregar a matemática e a estatística para resolver problemas; ser capaz de tomar decisões fundamentais e resolver conflitos, para a prática da cidadania responsável.

Portanto, o processo de gestão escolar deve estar voltado para garantir que os alunos aprendam sobre o seu mundo e sobre si mesmo, em relação a esse mundo, adquiram conhecimentos úteis e aprendam a trabalhar com informações de complexidades gradativas e contraditórias da realidade social, econômica, política e científica.



Na perspectiva da gestão escolar surge à mudança de concepção da escola e as implicações quanto à gestão, as limitações do modelo estático de escola e de sua direção; a transição de um modelo estático para um paradigma dinâmico; a descentralização, a democratização da gestão escolar e a construção da autonomia da escola e a formação de gestores escolares.

O professor precisa estar envolvido efetivamente no processo de gestão, pois ele é o responsável em colocar em prática os projetos discutidos em equipe. O papel do professor na gestão escolar é dar vez e voz própria aos seus alunos, pais e a toda a comunidade escolar, de ser aberto ao diálogo e de construir a aprendizagem com seus alunos. Como diz Freire (1996, p.22): “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

O professor precisa ser o gestor da aprendizagem de seus alunos, formando-os críticos, participativos, capazes de pensar de forma coletiva, democráticos que tenham visão de mundo, abertos às mudanças, às transformações dos saberes, que interajam em constante busca de um novo aprendizado.

Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto promover à criação e a sustentação de um ambiente propício a participação plena no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por esta participação que os mesmos desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania (LÜCK et al. 2001, p.18).

## **2.4 O conceito de infância e suas modificações ao longo do tempo**

O sentimento, a idéia e a representação de infância são fenômenos psicossociais que surgiram na civilização ligada aos mais diferentes motivos. A figura da criança aparece lentamente entre os séculos XIII e XVIII.

Nos dicionários da língua portuguesa, infância é considerada como o período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento à puberdade. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º 8.069, de 13/07/90) criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos e, adolescente, aquela entre os 12 e os 18 anos. Etimologicamente, a palavra infância significa a incapacidade de falar, atribuída ao período chamado de primeira infância, que às vezes era estendida até os 7 anos e correspondiam a idade da razão.

Segundo Philippe Ariès (1981), a infância é um conceito construído socialmente, sendo que antes do século XV as crianças de 6 a 7 anos já não eram consideradas crianças. Foi a partir do século XVI, e somente nas classes altas, que a criança começou a ser considerada um ser diferente do adulto.

Sob a influência de Rousseau, a criança passa a ser considerada um símbolo de inocência. A obra *Emílio* deste autor foi um marco na história dessa nova percepção de infância e apenas a partir do século XVIII a criança começa gradualmente a ocupar um papel na família.

Nesta obra, Rousseau propõe que o adulto não imponha seus valores à criança, uma vez que estes valores viriam deturpados, cheios de vícios e maus, mas que procure entender os valores, sentimentos, necessidades e interesses do universo infantil (liberdade de forma que a criança se torne um bom adulto, pois Rousseau acreditava na bondade do homem natural).

Foi, portanto, com Rousseau que surgem as primeiras discussões sobre as fases de desenvolvimento infantil e a importância da educação para a transformação do homem e da própria sociedade.

O sentimento moderno de infância foi influenciado pelas idéias religiosas para quem a criança é um ser marcado pelo pecado, cabendo à família e à escola ser corretiva, punitiva e disciplinadora para desenvolver seu caráter e sua razão e, posteriormente, as idéias de Rousseau para quem a criança é essencialmente boa e precisa ser protegida na sua inocência para não ser contaminada pelo mal.

O processo de industrialização e de urbanização, intensificadas a partir da década de 20, provocaram modificações na estrutura social e familiar, passando a responsabilidade pela educação da criança a ser dividida entre a família e a escola.

## **2.5 O papel da família na formação e educação da criança**

A maior parte do tempo de nossa vida, nós passamos em grupos. A criança já nasce dentro de um grupo – o grupo familiar – e, a partir desse momento, ela irá ampliando suas relações com o mundo, sempre se relacionando em grupos.

O grupo familiar tem sua função social e é determinado por necessidades sociais. O grupo familiar deve garantir o provimento das crianças, para que elas futuramente exerçam atividades produtivas para a própria sociedade, e deve educá-

las, para que elas tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem.

O psicanalista francês Jacques Lacan, (1987, p.13) assim define a família: “Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura”.

Cada família, em cada sociedade, em cada época e cultura em que vive determina valores que precisam ser trabalhados com os filhos, a fim de que eles se tornem adultos felizes e realizados.

Os valores e princípios formadores do ser humano sofreram muitas transformações ao longo da história, gerando diferentes formas e atitudes da família em relação à educação dos filhos.

Valores como integridade, respeito, colaboração, amor ao próximo, justiça e democracia são conceitos muito importantes e valiosos que devem ser apresentados e trabalhados primeiramente na família e, posteriormente, continuar na escola.

O importante papel da família na educação da criança nem sempre teve esse destaque; entre os povos primitivos a educação acontecia por imitação: os meninos imitavam as atitudes do pai e as meninas, as da mãe, respeitando valores sociais, religiosos e morais que existiam na família e nas tribos.

Na educação romana a família passa a ter uma importância maior, ou seja, o pai é o principal responsável pela educação dos filhos, mas a mulher, a mãe também passa a ter especial importância, imprimindo o caráter moral das pessoas.

Apesar do surgimento das primeiras escolas, a família não perdeu seu lugar como a primeira responsável pela formação moral e social dos próprios filhos. Com a proliferação das escolas, inicialmente apenas os meninos iam para a escola, continuando a educação das meninas sob a responsabilidade da família.

No início dos tempos modernos ainda deparavam-se com um modelo familiar arcaico, autoritário e ditador de ordens e modelos, aos quais os filhos devem obedecer, sem contestar ordens ou proibições paternas. O proibido não era nem comentado o porquê, quais as conseqüências; não pode fazer porque não pode e ponto final!

Assim atuava a família na educação das crianças, que eram educadas conforme a vivência dos adultos, pois não existiam ainda estudos sobre a infância e o desenvolvimento moral do ser humano. As crianças vestiam-se como adultos e delas

era exigido atitudes e comportamento como os dos adultos da família, que recebiam muita influência da religião a qual pertencia à família.

A partir das idéias de Rousseau a criança passou a ter grande importância, deixando de ser considerada um adulto em miniatura, de ser educada com padrões adultos e então a família passou a atuar sob esse novo enfoque que começou a mudar a vida das crianças: a criança passa a ser respeitada enquanto criança.

Redin (1999, p.10) afirma que “a vida não existe em função de nenhuma etapa; idade ou período: a vida deve ser plena em todo o tempo. O tempo pleno é o tempo presente: o passado e futuro só contam se forem presentes com seu peso, seu fogo, sua esperança, sua garra”.

Assim, como não há vantagem em antecipar sofrimentos, em transferir realizações, a criança não existe em função da juventude, da vida adulta ou da maturidade e especialmente não tem sentido se o modelo de vida adulta que queremos antecipar para a criança é o nosso modelo.

Durante todo o século XIX e até meados do século XX, a família manteve o controle absoluto em relação aos filhos, eram famílias essencialmente patriarcais, ou seja, a ordem emanava do pai ao qual mulher e filhos deviam respeito e obediência incondicional. A religião dos filhos deveria ser a mesma do pai que estabelecia a ordem a ser cumprida pela família. Esta, ainda era a responsável direta e, praticamente única pela formação moral dos filhos.

A partir do século XX, principalmente na sua segunda metade, a família começa a sofrer duros baques em sua estrutura e aos poucos começa a perder a sua hegemonia sobre a educação dos filhos.

As descobertas e invenções da ciência, como o rádio, a televisão, o computador, a internet, os jornais, as revistas e a entrada da mulher no mercado de trabalho, passaram a responsabilidade da educação dos filhos para uma estranha, a empregada. O ambiente familiar tem outros valores e projetos de vida, o capitalismo e o consumismo obrigaram os pais a cada vez mais, afastar-se da família na busca do ter mais em substituição do ser mais.

Toda esta situação e exigência da sociedade moderna acabaram afastando os pais do círculo familiar, impedindo muitas vezes até mesmo do encontro às refeições, momentos tão consagrados nas famílias mais tradicionais, em que todos os elementos da família devem sentar à mesa, orarem juntos e comer. As novas tecnologias entram na competição com a família e a escola na educação das crianças.

Afirma Zagury (1993, p.10) que “a grande maioria dos pais quer, deseja, luta pelo bem dos filhos. Às vezes erram, é claro, perdem-se em mil dúvidas, mas em geral essa insegurança se dá justamente pelo intenso desejo de acertar, de encontrar a melhor resposta para a educação dos filhos.”

No afã de ganhar mais dinheiro para proporcionar mais bens materiais e melhores condições de vida, a família hoje está perdendo espaço na vida de seus filhos, ao mesmo tempo em que os está perdendo para a rua, os grupos de amigos e as drogas.

A família precisa reassumir o papel que sempre foi seu na educação dos filhos, na manutenção das relações sadias entre pais e filhos e entre os filhos, a fim de que eles possam refletir isso na sociedade, gerando novas famílias comprometidas com a formação da identidade dos filhos.

E isso passa por atitudes como dialogar com os filhos ao invés de discutir com ele, preocupar-se com os problemas deles, dar-lhes limites e possibilidades, mostrar caminhos, não caminhar por eles, desligar a televisão e conversar com seus filhos e não apenas dar ordens e cobrar tarefas executadas. A família precisa dar amor aos filhos a fim de que estes possam dar aos amigos e aos seus filhos.

No passado, o limite era castrador, ou seja, o pai era uma figura muito distante dos filhos, toda poderosa, que não podia ser molestado quanto estava em casa, à noite, porque “seu pai precisa descansar porque trabalhou o dia todo”, dizia a mãe.

O pai não entendia que muitos pedidos do filho eram na verdade de conviver com o pai. Com essa barreira, o pai tornava-se uma figura distante, ameaçadora e punitiva. Ele era o responsável em punir a criança quando esta desobedecesse a mãe, que sempre alertava “vou contar a seu pai”. Esse tipo de educação gerou para alguns filhos o desejo de se tornar um pai diferente, aberto para conversas, para o diálogo enfim, amigo de seu filho. Há, porém algumas correntes da psicologia apontando que mediante situações de violência, a tendência da criança é reproduzir o comportamento vivido na infância, embora nem sempre isso ocorra, uma vez que várias intervenientes podem influenciar na mudança de um comportamento.

Para Cerizana (1990), esse tipo de relacionamento com o filho podia funcionar na infância: quanto mais os filhos fossem dependentes, maior a oportunidade de dar certo. Mas, à medida que se tornam adolescentes, menos os filhos se submetem e maior se tornam os conflitos.

Formalmente, poderiam até ser submetidos, mas utilizavam recursos compensatórios. Tanto isso é verdade que nunca se saiu tanto de casa quanto na época da geração “sexo, droga e Rock n' Roll”. Os jovens punham o pé na estrada querendo dar para si o que acham de direito e que não receberam dos próprios pais: independência, autonomia de escola, liberdade de ação. (TIBA, 1996, p.56)

Nesse período, o mercado brasileiro estava em ascensão. São Paulo se orgulhava de ser uma cidade importante na época do quarto centenário. As meninas começavam a sair de casa, a trabalhar e a manter relações sexuais antes do casamento, graças à possibilidade de controle da natalidade com o surgimento da pílula. E o mundo mudou rápido de mais.

O que aconteceu depois? Esses pais tornaram-se anti-repressivos e tiveram dificuldades para dar limites a seus filhos. Quando as crianças passavam da conta, por medo de reprimir, simplesmente deixavam de fazer.

Impressionante é ver que os pais que tanto reclamavam dos pais de outrora, repetem hoje com seus filhos, muitas coisas que seus pais fizeram. A situação acabou ficando intolerável e o pai, vê-se obrigado a dizer um retumbante e inadequado não.

Tiba (1996, p.57) afirma que “um sentimento é a vontade e a proposta de ser um pai modelo, outra coisa bem diferente é a realidade de conseguir ser. Na briga entre as duas faces da moeda, o filho perde a referência”.

Pessoas que não recebem limites durante a infância e a adolescência têm mais dificuldades para se relacionar na escola, no trabalho e na vida privada, podendo evoluir para comportamentos anti-sociais. Para evitar que isso ocorra não existe uma receita exata. Mesmo assim, é importante ter autoridade, coerência e discernimento para poder tomar decisões adequadas à situação na hora de dizer a seu filho o que ele pode ou não fazer.

Estamos vivendo um momento de transição na educação das crianças. Muitas famílias não se sentem em condições de dar limites aos filhos, ou por não saberem muito bem como fazê-lo, ou mesmo por convicção, na medida em que não querem repetir a educação repressora a que foram submetidas. Alguns argumentam que crianças, especialmente as menores de 6 anos, ainda são muito pequenas para entender certas regras, permitindo então que elas façam tudo o que têm vontade.

Segundo Jane Felipe (1998):

Desde muito cedo nos deparamos com os limites de nosso próprio corpo, os limites do tempo e do espaço, os limites dos outros ( da cultura e do contexto familiar ao qual estamos inseridos).

No meio disso tudo fica a escola, que cada vez mais tem que enfrentar crianças sem o mínimo de limites, que batem, brigam, xingam, discutem e desafiam professores e colegas.

Como enfrentar tais situações? Deve-se dar castigo na escola? Como estabelecer limites entre práticas repressoras e outras alternativas? O que pode ser percebido hoje como uma transgressão de limites por parte da criança?

“Crianças precisam de limites”. É bem provável que nos últimos anos essa frase tenha sido proferida em dezenas de reuniões de pais e mestres. Os pais estão cada vez mais conscientes de que é preciso estabelecer regras para crianças e jovens.

Os últimos 40 anos parecem ter sido os que mais mudanças trouxeram à família, à escola e as formas de educar e quais são os valores mais importantes.

Depois de algumas décadas em baixa, o “não” voltou com menos culpa a fazer parte do vocabulário de muitos pais. É cada vez maior o número de pais que tentam disciplinar as crianças, pois a liberdade sem limites pode gerar agressividade inconsciente que pode evoluir para a violência.

Para quem cresceu sob os ideais de liberdade dos contestadores anos 60 e 70, a idéia de reprimir os desejos de uma criança era um contra-senso. Ninguém queria ser um pai autoritário e ameaçador, modelo que a geração anterior assumia sem pestanejar. Com a população e a conseqüente distorção das teorias psicanalíticas de Freud (Zagury, 2001), qualquer frustração parecia ter o poder de desencadear profundos traumas de infância. Foi assim que gerações de adolescentes surpreenderam os pais assumindo o posto de príncipes e princesas da casa e impondo suas exigências

Hoje, felizmente a situação começa a caminhar para uma situação mais democrática e a versão século XXI aponta alguns desafios.

O principal deles é exercer a autoridade sem usar o autoritarismo, usar o diálogo ao invés do cinto, mas é uma tarefa difícil, que exige dos pais dose extra de paciência, habilidade e autocontrole.

Uma criança que vive fazendo exigências é um verdadeiro pesadelo para quem está por perto, e isso reflete a dificuldade dos pais em impor a própria

autoridade. Ao nascer, o bebê já traz consigo instintos, como o da agressividade e quando os pais conseguem conter a criança em suas atitudes desafiadoras isso transmite a ela alívio e segurança.

Criar adultos dignos é tarefa prioritária da família e depende basicamente de duas coisas: da maneira pela qual os pais vivem o dia-a-dia e da confiança que temos nos valores que guiam nossas ações. É necessário sermos íntegros e não duvidarmos da força dos nossos princípios.

Zagury afirma (2001, p.15):

O perigo maior para os jovens não são as drogas: é não crer no futuro e na sociedade. A falta de esperança, de um projeto de vida é que pode levar a depressão, ao individualismo, ao consumismo exagerado, ao suicídio, à marginalidade e às drogas.

A vida atribulada dos pais e a necessidade de estarem muitas horas ausentes de casa geram uma grande preocupação quanto à escolha da melhor opção sobre quem serão os responsáveis pela educação e cuidados da criança na ausência dos pais, sejam avós, babás ou escolas infantis.

A entrada da criança no mundo moral – “o que devo ou não fazer” se dá num primeiro momento por uma relação assimétrica de autoridade: o respeito à regra depende do respeito pela pessoa que a colocou. Num segundo momento, a criança pensa sobre a regra e lhe dá outro valor, respeitando quem respeita a regra.

As noções de certo e errado para as crianças envolvem valores que são lentamente aprendidos e internalizados, começando pela família, depois pela escola e finalmente pela sociedade, num processo muito longo e complicado, uma vez que os conceitos e os próprios valores mudam ao longo do tempo.

Se esse processo ocorrer de forma adequada, não haverá a necessidade de que instâncias externas controlem os impulsos negativos, pois o próprio indivíduo o fará.

Da mesma forma que na infância, na adolescência a noção de limites é também é importante. Nessa época da vida, o adolescente sente necessidade de se afirmar como indivíduo e, para isso, se afasta um pouco dos pais, o que é um comportamento normal.

Outro aspecto importante é reconhecer a importância da rotina da disciplina muito esquecidas no mundo atual.



Os pais e professores devem assumir que são a autoridade, sem medo deste papel, lembrando que são modelos de atuação, de referência a ser seguida pela criança ou jovem.

Assim, sua ação vale muito mais que o seu discurso e é preferível errar, reconhecer que errou e voltar atrás, do que se omitir.

Zagury (2001, p.1) alertou:

[...] para as conseqüências sociais da liberdade excessiva e da falta de autoridade dos pais. Ela criou a expressão “geração peito de frango”, para caracterizar os pais de hoje que, no passado não tinham o direito de expressar-se e que, no presente, pela postura excessivamente psicologicamente que adotam, tornam-se tímidos e sem autoridade, permitindo que em muitos casos, seus filhos se transformem no que chamou de “pequenos tiranos”.

A sociedade atual também contribui para a insegurança dos pais e educadores poderem orientar com convicção. Há uma crise de valores muito grande na sociedade atual com a conseqüente dificuldade de definir o que é certo e o que é errado, onde os adultos também não têm limites, valorizam o êxito, a possibilidade de vantagens e quem conseguir, superar os outros. Os pais são responsáveis, por exemplo, de passar aos filhos uma ética e uma moral positiva, de que é bom ser generoso, tolerante, justo e humilde.

Crianças e jovens sem limites podem apresentar comportamentos pouco aceitáveis tanto na família, na escola e na sociedade. Pouca tolerância a situação, baixa capacidade de frustração, agressividade, desobediência, dificuldades para superar a própria vez em brincadeiras e jogos, problemas de relacionamento com colegas e amigos, ansiedade, hiperatividade e dificuldades de aprendizagem.

O que assistimos hoje na sociedade, sem compreender, é um aumento assustador do envolvimento do adolescente de classe média e alta, de boas escolas e famílias bem estruturadas, em atos de incivilidade, assassinatos e violência.

Uma educação que se propõe a formar cidadãos conscientes, precisa dar limites, e isso significa ensinar que os direitos são iguais para todos, que existem outras pessoas no mundo, que seus direitos acabam onde começam os direitos do outro.

Enfim, é um desafio apresentar o mundo à criança, com suas normas e princípios, porém se fizermos com amor, coerência e respeito esta tarefa será um pouco menos penosa e viver em sociedade, bem mais prazerosa.

### 3.6 Valores e limites: desafios para gestores

Inúmeros profissionais, especialmente os da área psicológica, têm afirmado a necessidade de se estabelecer limites à criança, para que esta tenha um ponto de referência e possa então se organizar, sabendo até onde ela pode ir.

Tiba (1996, p.72):

Os filhos se sentem amados pelo interesse que os pais demonstram mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repressivas ou aprovativas, porque nelas encontram referência.

A noção de limites e regras tem passado por significativas transformações, não só no âmbito doméstico, mas também nas instituições escolares. Há décadas atrás a criança era submetida a uma rígida disciplina, sem que pudesse ao menos questionar as regras que lhe eram impostas. No entanto, percebe-se, nos últimos anos, uma quebra na rigidez estabelecida no tratamento com as crianças. Do castigo físico passou-se ao diálogo, defendido especialmente por especialistas da área psicológica. Na escola, por exemplo, eram utilizadas as famosas palmatórias, as humilhações (como ajoelhar no milho, ficar virado de frente para a parede, etc.), e muitas outras práticas que visavam à obediência às regras.

Muitas famílias, por se sentirem culpadas pela ausência diária que a luta pela sobrevivência lhes impõe, deixam que os filhos façam tudo que quiserem. Obviamente que tal formação acaba acarretando alguns transtornos na escola, pois as crianças acabam querendo repetir este reinado com a professora e os colegas.

Algumas famílias se comportam de forma a sempre dar razão à criança. Desta forma, vêem a professora e a escola com eterna desconfiança. São familiares que falam mal da professora na frente da criança, incentivando-a a desafiar sua autoridade e a contestá-la sempre. Tais crianças, insufladas pelos familiares, às vezes deturpam os acontecimentos ocorridos em sala de aula, por saber que terão o seu apoio incondicional.

Por outro lado, existem algumas famílias que nunca dão razão à criança, preferindo dar plenos poderes à escola ou à professora. Alguns chegam mesmo a dizer que, se preciso, a professora deve bater, deixar de castigo, etc. Tal atitude faz com que a criança se sinta desprotegida, desamparada e injustiçada diante de alguma

situação que possa ocorrer com ela na escola. Por exemplo, a criança bateu no colega para se defender e acaba apanhando do familiar por ter se defendido.

Outro problema cada vez mais freqüente consiste na atribuição que os familiares delegam à escola, especialmente à escola infantil, de dar às crianças a educação básica, isto é, aquela educação referente às boas maneiras, ao respeito pelos outros, no entanto, tal atribuição pertence primeiramente à família.

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.

Analisando a indisciplina sob uma perspectiva vygotskiana, Rego (apud: AQUINO, 1996, p.85) busca no dicionário o significado do termo indisciplina. Para ele, disciplinado “é aquele que obedece, que cede, sem questionar, às regras e preceitos vigentes em determinada organização”. A autora afirma, ainda, que o meio educacional difunde uma visão de que a indisciplina seria:

Um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou na agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados. [...] É curioso observar que, nesta perspectiva, qualquer manifestação de inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que se busca obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra ( RÉGO apud: AQUINO, 1996,p.85-86).

Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos no ambiente escolar.

É possível notar o quanto a construção dos limites não se dá de igual maneira para todos, especialmente na escola. Muitas crianças acabam sendo rotuladas de mais “bagunceiras” ou mais “agressivas”, levando sempre a culpa por alguma situação mais desagradável que tenha ocorrido. É preciso considerar ainda que, embora não se usem mais a palmatória ou as reguadas na cabeça das crianças, como faziam as escolas de antigamente, existem hoje outras formas também violentas de estabelecer regras, como por exemplo, o olhar de extremo desprezo que a professora lança em relação à criança, ou a humilhação pública.

Zagury (2001, p.35) afirma:

A criança que não aprende a ter limites para o seu querer, para os seus desejos e vontades, que tudo quer e tudo pode, tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando passo a passo, com grande complexidade.

É nesse momento que entra a fundamental importância e contribuição da gestão escolar, ou seja, através da discussão democrática entre todos os envolvidos no trabalho escolar, deve ser construído o Projeto Político Pedagógico da Escola, no qual serão abordadas todas as questões que devem nortear o trabalho dos gestores, inclusive a questão dos limites, dos valores, da indisciplina, aspectos esses que vão interferir diretamente na aprendizagem dos alunos e na qualidade do ensino na escola.

O diretor é o responsável por estabelecer e promover a execução de políticas e procedimentos para o bom funcionamento da escola. Porém, no moderno conceito de gestão escolar democrática, o diretor não é mais o único responsável por gerir os destinos da escola. O importante é que todos os envolvidos no processo – diretor, coordenador, professores, familiares e alunos - participem de todas as fases do processo educativo, realizando um trabalho compartilhado, com responsabilidades para identificar e resolver os problemas.

É preciso manter uma discussão permanente na escola sobre a questão dos limites, estabelecendo um padrão a ser adotado por todos os profissionais que ali trabalham. Ou seja, deve-se chegar a um consenso do que pode ser colocado ou não como limites para as crianças e também para os adultos, bem como os procedimentos que devem ser adotados em caso de transgressão de normas. No entanto, alguns procedimentos devem ser abolidos da rotina escolar, tais como: deixar a criança sem lanche, expor a humilhação pública, violência física, violência psicológica, discriminação em função do sexo.

Algumas escolas aboliram o termo castigo, mas continuam exercendo algum tipo de punição à criança que quebra as regras estabelecidas. Usa-se, por exemplo, afastar a criança do grupo até que ela se convença que agiu errado, que ela se acalme para voltar às atividades que estava realizando na companhia de outros colegas.

É interessante considerar que as regras e os limites, podem ser estabelecidas com a participação de todas as crianças de um grupo ou turma, discutindo o que pode e o que não pode ser feito naquele espaço, o que deve e o que não deve ser feito. Estabelece-se, por exemplo, regras básicas de convivência no espaço escolar. Obviamente que discutir ou estabelecer certas regras, querendo que crianças muito pequenas as cumpram rigorosamente é inviável.

A questão dos limites também deve ser discutida com as famílias, esclarecendo o que compete a cada uma das partes. É preciso considerar que a escola, muitas vezes, têm tido dificuldades para estabelecer limites também às famílias, que tentam interferir de forma exagerada no trabalho dos professores.

Da mesma forma que na infância, na adolescência a construção de limites é parte vital da educação.

Nessa época da vida, o adolescente sente necessidade de se afirmar como indivíduo e, para isso, se afasta um pouco dos pais, o que é um comportamento normal. Se os pais deixam de impor regras ou param de exigir que elas sejam cumpridas, o adolescente se sente sozinho, sem proteção, pouco amado e pouco importante. (ARMELENTI, 2002, p.7).

Isso reduz a auto-estima do jovem e aumenta a necessidade de afirmação, o que pode se traduzir em comportamentos agressivos e arriscados como o rompimento de normas, o abuso de droga e álcool ou até a violência.

Ao chegar à adolescência, um dos maiores problemas está relacionado aos limites, que assumem nesta fase, uma característica muito especial.

Se desde pequena a criança se acostuma a viver sem limites, se pais e professores raramente dizem um “não”, se quando negam alguma coisa não o fazem com segurança, com convicção, enfim, se a criança está habituada a fazer tudo o que ela quer, na adolescência será mais difícil fazê-la aceitar qualquer tipo de limite.

Zagury (1999, p.26) afirma que a tarefa básica dos pais não é, como pensam muitos, a de ser amigo apenas. Na verdade a grande e árdua tarefa que cabe aos pais é a de ser o formador ético das novas gerações, papel social muito mais importante e difícil.

Para estabelecer limites – e ter sucesso nessa empreitada – é preferível começar pelo diálogo, agindo com coerência e segurança em relação às idéias que defende. É importante promover junto com filhos e alunos, a construção e a

manutenção de uma rotina que envolva direitos e deveres para todos, avaliando-se a execução do que foi planejado em conjunto.

Ser coerente quanto às normas de disciplina envolve o estabelecimento de regras que possam ser cumpridas e indicadas com autoridade, e não com autoritarismo.

De modo geral, após o estabelecimento das regras de convivência na família e na escola, o que não se deve fazer é contradizer a autoridade do outro (seja do familiar ou do professor).

É importante que o aluno explique porque não cumpriu o que estava estabelecido de comum acordo. Dialogue com ele lembrando o porquê das regras combinadas anteriormente entre ambas as partes dando-lhe uma segunda chance, mas avisando que da próxima vez a atitude será tomada uma outra atitude.

No inconsciente do aluno, o estabelecimento de regras significa que você se importa com ele. Uma criança e/ou adolescente sem limites terá muita dificuldade de se relacionar na sociedade.

“Que o teu “sim” seja “sim” e o teu “não”, “não. Não dar limites poderá ser uma porta aberta para que os jovens e os futuros adultos adotem uma atitude inadequada, para o resto de suas vidas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grave crise de paradigmas educacionais, morais e sociais, deixam familiares e educadores perplexos, sem muitas vezes saber como agir, que atitude tomar frente aos acontecimentos e situações que ocorrem nas escolas.

A educação, infelizmente, ainda não encontrou seu eixo, ou seja, o que vemos são crianças e adolescentes que não desejam aprender na escola, que não vêem sentido na educação, porque a escola, infelizmente acabou formando mal os profissionais. Há professores com baixa auto-estima, desqualificados para as imensas tarefas e escolas sobrecarregadas nas suas funções educacionais para servirem de apoio aos docentes e aos alunos.

Ao ingressarem na escola muitos alunos assumem um comportamento de liberdade, como se a partir deste momento não dependessem de mais ninguém, dando a entender que estão nela prestando um favor aos seus familiares ou aos professores e, com esta mentalidade passam a enfrentar professores, com agressões verbais e até mesmo físicas, desafiam regras e normas, valores e limites. Estes jovens não aceitam os “nãos” que necessariamente são colocados em sua frente e lançam mão de todos os artifícios para violarem as regras sociais. Estabelece-se assim, a indisciplina na escola.

Vive-se hoje um mundo onde a tecnologia e a informação são difundidas rapidamente, o conhecimento avança e se modifica e, apesar de tudo, vêem-se na mídia, crimes cada vez mais frequentes cometidos por crianças e jovens

Os especialistas alertam para a falta de limites: quem não aprendeu a ouvir “não” nas relações com os pais, compartilha sentimentos de amor e de ódio nas mesmas proporções. Crianças e adolescentes precisam aprender desde cedo que não podem fazer tudo o que querem.

A melhor disciplina e educação é a regida pela liberdade. Contudo, muitos pais se perdem nela. Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. A liberdade absoluta não existe. Ela é sempre relativa a algo (TIBA, 1996, p. 49).

Esta questão da liberdade é que não ficou bem resolvida para pais ou responsáveis, alunos, filhos e professores. A criança não sabe o que é liberdade, simplesmente faz o que tem vontade de fazer. É aí que entra o papel da família: os pais ou responsáveis precisam ensinar que essa liberdade tem limites, que não se pode fazer tudo que se quer, a toda hora, e em todo lugar.

A criança está descobrindo o mundo, que de certa maneira, os pais construíram e com o qual convivem, portanto, estão acostumados com ele. Para a criança, tudo é novidade. O pode / não pode é um critério estabelecido pelos pais, que terá conseqüências.

A construção de limites e valores deve começar na infância, ou seja, é no período de 1 a 6 anos que se deve começar a trabalhar os valores, os limites e a ética social. Esse período corresponde à educação infantil, tempo em que a criança vai iniciar a sua convivência social e, portanto, família e professores devem dialogar, mostrar e ensinar que ter limites é essencial para uma boa convivência, uma vez que os direitos são iguais para todos, que existem outras pessoas no mundo e que os seus direitos terminam onde começam os direitos dos outros. Ainda, é função da família e da escola dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário, mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não. Ensinar a criança a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade.

A família que educa a criança com amor, valores e limites, através do diálogo e de uma liberdade com responsabilidade, está contribuindo para a formação de adolescentes bem ajustados e acostumados a ter limitações ao seu querer.

O adolescente ou o adulto não é fruto apenas da educação recebida em casa: muitas situações podem acontecer durante o processo de desenvolvimento e influenciar de maneira positiva ou não a formação que recebeu em casa.

Ao longo de todo este estudo pode-se constatar que família e escola formam uma parceria muito importante para a educação das crianças e adolescentes. O que se busca hoje na parceria família / escola é uma exposição clara, precisa e minuciosa do que a escola espera do aluno e o que a família daquele estudante quer da instituição. Os gestores escolares têm nas mãos grandes desafios a serem vencidos através de diferentes estratégias a fim encaminhar a formação de cidadãos responsáveis, justos, éticos na construção de uma nova sociedade.



Familiares, alunos e escolas devem estar do mesmo lado do jogo, tornando o ambiente escolar mais agradável. Os alunos devem participar, junto com os demais gestores escolares, da elaboração e do cumprimento das regras de convivência desde as séries iniciais. Os gestores devem entender comportamentos inadequados como sintoma de algo e investigar a causa; devem adotar medidas preventivas no dia-a-dia e incentivar o cumprimento de normas conscientemente, por respeito.

Na relação família/escola, os pais podem ajudar entendendo que a força do grupo é muito forte, ou seja, a imagem que se tem do filho pode não corresponder ao comportamento dele quando na companhia dos colegas. É bom ouvir o que a metodologia da escola tem a dizer e ponderar. É muito importante que a metodologia da escola esteja de acordo com a educação dada em casa. Precisa haver coerência entre como a escola trata o aluno e como fazem os pais ou responsáveis, pois diferentes intervenções para a mesma situação, confundem a criança.

Socialmente, se está muito perdido em relação a limites. Não adianta dizer que a criança deve obedecer às regras de convivência, se os pais não servirem como exemplo.

Na adolescência, é natural um afastamento entre pais e filhos. Aqueles que não acompanham seus filhos, não sabem o que estão fazendo ou com quem estão andando e se perdem completamente. A organização familiar é importante. Ter uma rotina ajuda a tranquilizar a criança. O limite organiza, educa e disciplina.

E finalmente, que postura precisa ter a escola para educar com coerência? Família e escola são instituições diferentes, não tem a mesma função. A escola não pode escolarizar a família e vice-versa.

Saber trabalhar com a diferença é um dever da escola enquanto instituição social. Não há uma regra só para todos os comportamentos de pais ou alunos. Não se pode deslocar o adolescente do mundo em que ele vive, onde se privilegia o novo, o jovem, o imediatismo e se põe em julgamento tudo que é velho e tradicional.

Estudar a cultura juvenil dá chance de pensar estratégias educativas que façam mais sentido ao jovem. É a disciplina, valores e limites como parte do conhecimento, procurando formar adultos capazes de lidar de forma satisfatória com o “não”, a frustração, a indiferença.

Enfim, fica cada vez mais claro e evidente que a atitude dos pais ou responsáveis assume importância essencial para a educação dos filhos. Do equilíbrio e da segurança com que atuam na infância pode-se estabelecer as bases para uma

adolescência sem maiores problemas. É preciso aprofundar e aproveitar o fato de que, na infância, até em torno de 11 a 12 anos, os filhos ouvem e aceitam a orientação dos pais, especialmente se a educação nas fases anteriores tiver sido adequada.

Zagury (2001, p. 159) destaca:

É claro que, mesmo que tenhamos muita sensibilidade e que estejamos sempre incentivando o crescimento e a independência de nossos filhos, algumas vezes eles precisam saber que existe uma autoridade, alguém que decide algumas coisas por eles, que os protege até sua própria audácia e impulsividade.

Até que se tornem adultos é importante que os filhos saibam que embora se pratique a democracia na família, que se respeitem suas opiniões, sua personalidade e privacidade a autoridade serão os pais ou responsáveis.

Ao concluir esta investigação espera-se que o mesmo possa contribuir com as discussões e estudos sobre valores, limites, indisciplina, educação familiar e o papel da gestão escolar na construção de uma escola democrática, na qual alunos e professores possam conviver de forma justa e adequada, na qual haja o envolvimento de todos os segmentos: família, comunidade e escola, dando segurança ao aluno e mostrando a ele que é importante estudar, ter limites, respeitar as pessoas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J.G. (org): **Indisciplina na escola. Alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº47, dezembro, 1998 .

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ARIÉS, P.:**História social da criança.**2ª ed. Rio de Janeiro:LTC Editora,1981

ARMELENTI. A. **A transferência do paciente narcisista.** Rev. Bras. de Psicoterapia.2002 ; 4 (supl .).

BRASIL. **Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do adolescente

CERIZANA, B.: **Rousseau. A educação na infância.** São Paulo: Scipione, 1990.

CERVO, A. L.: BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Paerson, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FELIPE, J. **Aspectos gerais do desenvolvimento infantil** In: Craidy , Carmen ( Org.) O Educador de todos os dias : Convivendo com a criança de 0 a 6 anos. Porto Alegre: Mediação, 1997.

GIL. A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a Personalidade.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

LA TAILLE, Y. A questão da indisciplina: ética, virtudes e educação. In: DEMO, P.; HOFFMANN, J.; LA TAILLE, Y. **Grandes Pensadores em educação:** o desafio da aprendizagem da formação moral e da avaliação. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001, p.67-97.

LÜCK, H. **Perspectiva da gestão escolar: implicações quanto à formação de seus gestores.** Em aberto. v.17, n.12. p.11-33, Brasília. 2000.

\_\_\_\_\_. **Planejamento em Orientação Educacional** :10.ed.Petrópolis: Vozes,1990

\_\_\_\_\_. **Didática e Currículo – Fundamentos da educação.** Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

REGO, T.C.R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J.G. (org). - **Indisciplina na escola** a: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.p.101-127

TIBA, I. **Limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

ZAGURY, T. **Educar sem culpa: a gênese da ética.** Rio de Janeiro: Record,1993

\_\_\_\_\_. **Limites sem trauma.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Limites sem trauma.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Encurtando a Adolescência.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

